

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PATRICIA MARIA MACEDO ALVES

**O CONCURSO DE CARTAZES DO NIGS-UFSC COMO MEDIADOR DE
ABORDAGENS DE ENSINO/APRENDIZAGEM LIGADAS A GÊNERO E
SEXUALIDADES NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Florianópolis

2016

PATRICIA MARIA MACEDO ALVES

**O CONCURSO DE CARTAZES DO NIGS-UFSC COMO MEDIADOR DE
ABORDAGENS DE ENSINO/APRENDIZAGEM LIGADAS A GÊNERO E
SEXUALIDADES NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina e apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientador(a): Prof^ª Dr^ª Marisa Naspolini

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alves, Patricia Maria Macedo Alves

O concurso de cartazes do NIGS-UFSC como mediador de abordagens de ensino/aprendizagem ligadas a gênero e sexualidades: um relato de experiência / Patricia Maria Macedo Alves ; orientador, Marisa Napolini Napolini - Florianópolis, SC, 2017.

48 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Educação e Gênero. I. Napolini, Marisa Napolini. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

PATRÍCIA MARIA MACEDO ALVES

O CONCURSO DE CARTAZES DO NIGS-UFSC COMO MEDIADOR DE
ABORDAGENS DE ENSINO/APRENDIZAGEM LIGADAS A GÊNERO E
SEXUALIDADES NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

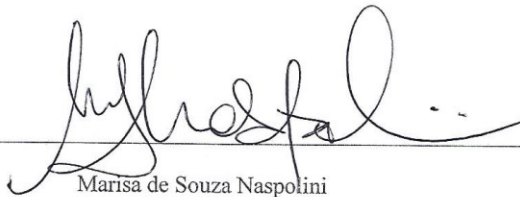
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

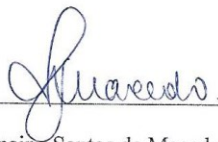
Banca Examinadora:



Marisa de Souza Napolini



Stefanie Liz Polidoro



Janaina Santos de Macedo

Dedico este trabalho a meus familiares, professores/as (todos que já tive) e aos amigos/as que influenciaram de diversas maneiras minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

A meus alunos e alunas, por representarem um dos motivos pelos quais quero um mundo melhor e por ser o cerne deste trabalho.

À minha orientadora, prof^a Dr^a Marisa Napolini.

À prof^a Dr^a Miriam Pillar Grossi, pelo incentivo inicial para que eu realizasse esta pós-graduação.

Ao meu pai, Jorge Luis Chagas Oliveira, que de muitas formas ainda continua por aqui.

A minha mãe, irmãos/irmãs, e amigos/as pelo apoio afetivo.

À minha avó, Maria Eustácia, por acolher meus medos e ajudar a superá-los.

A todas as pessoas envolvidas para a realização do GDE.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC), através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação), durante a gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do Estado de Santa Catarina.

Agradeço, sobretudo, pelos investimentos que, durante os últimos 13 anos, possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, ao sexismo, à lesbofobia, à homofobia, à transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo, depois da extinção da SECADI, que fora criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que, infelizmente, não se concretizou em uma política de Estado e, ao contrário, vem sendo extinta e criminalizada por diversos setores conservadores da sociedade.

Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

“Olhar o olhar.
E perder para sempre toda ilusão de ser o que
éramos
Olhar o olhar.
E ser aqueles outros que ainda nunca fomos”.

Carlos Skliar

RESUMO

Esta pesquisa visa refletir sobre o Concurso de Cartazes contra a Homo-Lesbo-Transfobia, promovido pelo Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades da Universidade Federal de Santa Catarina (NIGS-UFSC), analisando a importância/impacto de sua articulação nas situações de abordagens ligadas à discussão sobre gênero e sexualidades na escola, na disciplina de Artes Visuais. Neste sentido, serão utilizados relatos de experiência sobre as participações no Concurso de Cartazes nos anos de 2013, 2014 e 2015. Estes servirão como ponto de partida para refletir sobre as estratégias utilizadas no processo de ensino/aprendizagem, bem como sobre os cartazes resultantes deste processo, frutos das ponderações do/as aluno/as sobre: homofobia, transfobia, lesbofobia e heterossexismo. Nesta direção, também será considerada a relevância da formação de professores para a discussão sobre gênero e sexualidades na escola.

Palavras-chave: Concurso de cartazes. Experiência. Gênero. Sexualidades. Escola.

ABSTRACT

This research analyses the importance and impact of a brazilian poster contest against homophobia, lesbophobia and transphobia, promoted by the NIGS, a group that study gender and identity in the brazilian university UFSC. This contest gathers many reports from discussions and performances about gender and sexualities in public schools in the courses about visual arts in 2013, 2014 and 2015. These corpus reflect the different strategies used in the teaching-learning process, as well as the posters created in this process that figure out ideas about homophobia, transphobia, lesbophobia and heterosexism; and the relevancy of teacher's studies about gender and sexuality.

Keywords: Posters Contest. Experience. Gender. Sexualities. School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PARA COMEÇO DE CONVERSA: O CONCURSO DE CARTAZES	12
2.1	RELATOS DE EXPERIÊNCIA: UMA NARRATIVA DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS DURANTE OS TRÊS ANOS DE PARTICIPAÇÃO NO CONCURSO DE CARTAZES NIGS-UFSC.	13
3	OLHANDO O OLHAR: UMA ANÁLISE DOS CARTAZES PRODUZIDOS PELOS ALUNOS E ALUNAS.....	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36
	APÊNDICES	37

1 INTRODUÇÃO

Através desta pesquisa, tenho a intenção de analisar a repercussão do Concurso de Cartazes contra Homo-Lesbo-Transfobia e Heterossexismo nas Escolas promovido pelo NIGS-UFSC, no que tange às discussões sobre gênero e sexualidades na escola, a partir da avaliação de relatos de experiência de minha participação no concurso nos anos de 2013, 2014 e 2015. Essa participação esteve atrelada, primeiramente, à conclusão do curso de extensão Gênero e Diversidade na Escola, oferecido na modalidade à distância pelo Instituto de Estudos de Gênero-IEG/UFSC e pela Educação à Distância da UFSC, sob a coordenação geral de Miriam Pillar Grossi e ainda, realizado no ano de 2012 e finalizado no primeiro semestre de 2013. Esta pesquisa orientou-se por uma abordagem qualitativa. Primeiramente, houve seleção do material bibliográfico, o qual serviu de embasamento para a fundamentação do tema. Após isso, foram analisados relatos de experiência nos quais constavam as estratégias utilizadas por mim, durante os três anos de participação no Concurso de Cartazes, bem como alguns cartazes resultantes da reflexão dos/as alunos/as. Neste sentido, o concurso representou um marco, a partir do qual pude elaborar estratégias de como abordar questões de gênero e sexualidades de maneira interseccional, relacionando questões da disciplina de Arte com os conceitos pertinentes ao tema proposto para os cartazes. Logo, um desafio interdisciplinar.

Quando me proponho a debruçar-me sobre este processo, penso na importância de discutirmos e nos colocarmos como fomentadores de discussões e conhecimentos que primem pelo respeito à diversidade na escola e para além dela. Objetivo analisar a importância/impacto do evento “Concurso de Cartazes contra Homo-Lesbo-Transfobia e Heterossexismo nas Escolas” como fomentador de discussões/reflexões sobre gênero e sexualidades na escola, a partir do entendimento dos/as estudantes sobre os conceitos de: homofobia, transfobia, lesbofobia e heterossexismo. Também contextualizo a origem do Concurso de Cartazes e sua consequente relevância perante as abordagens de opressões fomentadas por questões de gênero e sexualidades na escola, refletindo sobre as estratégias utilizadas por mim, dentro da disciplina de Artes Visuais, durante o processo da construção dos cartazes pelos/as estudantes nos três anos de participação no Concurso de Cartazes NIGS-UFSC. Além disso, proponho a análise de alguns cartazes resultantes do processo de ensino/aprendizagem dos/as alunos/as sobre homofobia, transfobia, lesbofobia e

heterossexismo e conjecturo sobre a importância da formação continuada para a qualificação de abordagens sobre gênero e sexualidades na escola.

Esta pesquisa orientou-se por uma abordagem qualitativa: primeiramente, houve seleção do material bibliográfico, o qual serviu de embasamento para a fundamentação do tema. Em seguida, o estudo também partiu para a análise dos relatos de experiência, baseados em vivências no contexto escolar e referentes ao Concurso de Cartazes.

A seriedade dos estudos de gênero e diversidade na escola faz-se necessária quando se busca uma educação de orientação emancipatória, que prime pela quebra de paradigmas preconceituosos e discriminatórios, os quais alimentam assimetrias relacionadas a gênero, à identidade de gênero, à orientação sexual e às questões ligadas a opressões de cunho ético/racial. Tal postura faz parte da prática pedagógica e é consoante ao “pensar certo” do educador, pedagogo e filósofo brasileiro Freire (1996, p. 39), que ainda reverbera em uma “rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação”. Em vista disso, reconhecer a prática pedagógica como um instrumento de superação de assimetrias é um processo dialético e dialógico constante, no qual disponibilizar e propor estratégias para o pensamento a respeito de opressões sofridas e infringidas exige se pensar e repensar, ao refletir sobre si mesmo.

Deste modo, o Concurso de Cartazes revelou-se um importante impulsionador das discussões sobre gênero e sexualidades na escola, contribuindo para reflexões e atitudes de progressiva desconstrução de modelos de masculinidades e feminilidades, padrões estes que geram opressões ligadas à homofobia, à transfobia, à lesbofobia e ao heterossexismo. Segundo a prof^a Dr^a Napolini (UDESC), uma das coordenadoras do Projeto Papo Sério (2016, p.105), o concurso trouxe “visibilidade à existência de sexualidades não heterossexuais, contribuindo com a desestabilização do regime de silêncio vigente nas escolas sobre esses temas”. Portanto, reelaborar o percurso a fim de analisar a contribuição do Concurso de Cartazes NIGS-UFSC para elaboração de abordagens pedagógicas, dentro do campo da arte-educação, é uma maneira de tornar “palpáveis” as contribuições desse campo, de forma individualizada, ao destacar minha experiência com meus/minhas alunos/as.

2 PARA COMEÇO DE CONVERSA: O CONCURSO DE CARTAZES

O Concurso de Cartazes contra Homo-Lesbo-Transfobia e Heterossexismo nas Escolas nasceu vinculado ao Projeto “Papo Sério”, como um de seus três eixos, coordenado pela Professora Dr.^a Miriam Pillar Grossi. Dos outros eixos do projeto, faziam parte: as oficinas “Papo Sério” e a organização de atividades relacionadas a datas comemorativas pautadas nas lutas ligadas a gênero, sexualidades e questões étnico-raciais.

O concurso teve início em 2009 e nasceu como estratégia política para comemorar o dia internacional contra a homofobia. Em 2014, o concurso de cartazes apresentou um aumento significativo de participantes em relação aos outros anos: três mil estudantes de escolas públicas da Grande Florianópolis. Minha primeira participação deu-se em 2013, quando concluí o curso Gênero e Diversidade na Escola, no qual, temáticas como: gênero, sexualidades, identidade de gênero e questões étnico-raciais foram abordadas, com o intuito de intervir no processo de desconstrução de assimetrias ligadas diretamente a estes temas na escola. Neste sentido, o concurso de cartazes representou uma possibilidade de inserção na prática dos temas estudados/debatidos e apreendidos.

As oficinas do Projeto Papo Sério eram ministradas por estudantes de graduação e pós-graduação ligados ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da UFSC, formado por uma equipe de estudantes da Antropologia, Sociologia, dentre outras áreas de conhecimento, que se organizavam em grupos de 3 a 4 pessoas, concomitantemente, considerando que uma das pessoas da equipe coordenava as atividades, que geralmente duravam 90 minutos, cada. As oficinas tinham o objetivo de problematizar padrões de comportamento heteronormativos e sexistas (incorporados na escola) através da ampliação de conhecimentos sobre gênero e sexualidades, contribuindo para a desarticulação de violências ligadas a esses temas. Segundo Napolini:

ao longo dos anos, as oficinas têm estimulado um processo de desconstrução e propiciado um processo de transformação do imaginário sobre gênero, sexualidades e violência recorrente nestes espaços. Também para as pesquisadoras e pesquisadores vinculados ao NIGS e, portanto, responsáveis pela execução do projeto, este envolvimento provoca reflexões sobre os espaços escolares, ensino e aprendizagem, assim como a percepção de novas percepções da realidade. (2016, p. 114)

Entretanto, nos três anos em que participei do “Concurso de Cartazes”, não tive a presença da equipe do Projeto “Papo Sério” na escola. Minhas escolhas metodológicas foram influenciadas por minhas vivências na ADEH (Associação de Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade) e pelo Curso de Gênero e Diversidade na Escola, o qual foi o motivo de minha primeira participação, em 2013, no Concurso de Cartazes.

2.1 RELATOS DE EXPERIÊNCIA: UMA NARRATIVA DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS DURANTE OS TRÊS ANOS DE PARTICIPAÇÃO NO CONCURSO DE CARTAZES NIGS-UFSC.

Minha primeira participação no “Concurso de Cartazes contra Homo-Lesbo-Transfobia” foi na Escola Paulo Fontes no bairro de Santo Antônio de Lisboa, em Florianópolis. Já nos anos de 2014 e 2015, participei do concurso pela escola em que me efetivei: EEB Escola Pero Vaz de Caminha, em Capoeiras, Florianópolis.

Durante o período supracitado, os caminhos trilhados para pensar o processo de ensino\aprendizagem passaram também por minhas experiências como militante de movimento social, para além da formação acadêmica. Em 2012, vinculei-me à Associação de Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade (ADEH), ONG constituída em Florianópolis em 1993, com atuação na área de direitos humanos e promoção da cidadania das pessoas LGBT, em especial das pessoas Trans. Esse vínculo oportunizou-me receber o convite da então presidenta, Kelly Vieira, para participar de um projeto de “Empoderamento contra Sexismo”, cujo objetivo foi capacitar 120 mulheres de diferentes comunidades (indígena, quilombola, GLBT, dentre outras) para o enfrentamento das violências de gênero. Neste sentido, durante minha militância na ADEH, acabei me aproximando particularmente das questões relacionadas a gênero, identidade de gênero e orientação sexual, o que refletiu qualitativamente nas abordagens relacionadas a estes temas em minha prática. Paulo Freire (1996, p. 20) traz-nos, a partir do conceito de “pensar certo”, a necessidade da docência que se coloca contra toda e qualquer forma de discriminação. Segundo ele, “a prática preconceituosa de raça, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (1996, p. 40).

Minha primeira experiência com os aluno/as no Concurso de Cartazes foi com uma turma de 8º série__ nomenclatura utilizada na época__ do Ensino Fundamental. Havia duas turmas de 8º série, porém, como não dispunha de muito tempo, pois trabalhava em outra escola (Beatriz de Souza Brito, no Município de Florianópolis), cumprindo 30 horas no total. Assim, meu tempo não abarcava a dedicação a duas turmas concomitantemente. Ao escolher a turma 82, do turno matutino, contei-lhes sobre o curso que fiz de Gênero e Diversidade na Escola (UFSC), iniciado em 2012, no qual foram abordadas temáticas sobre gênero, sexualidades, orientação sexual e sobre as relações étnico-raciais e que, para finalizá-lo, era preciso participar do “Concurso de Cartazes contra Homo-Lesbo-Transfobia e Heterossexismo nas escolas”. Após ter obtido a concordância dos/as alunos/as, comecei meu planejamento, que incluía conversar com a Coordenação Pedagógica para obter o apoio dela, explicando o porquê do conteúdo diferenciado e a importância de discutir orientação sexual, identidade de gênero e sexualidades na escola, uma vez que o posicionamento contra opressões ligadas a estas temáticas em favor da diversidade deve ser uma postura de toda a comunidade escolar, que deverá dar visibilidade a estas questões para poder enfrentá-las. Assim, o doutor em sociologia e pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Rogério Diniz Junqueira (2009, p. 30) afirma que “essa invisibilidade a que estão submetidas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais comporta a sua exclusão enquanto tais do espaço público e, por isso, configura-se como uma das mais esmagadoras formas de opressão”. Neste sentido, a coordenação pedagógica sugeriu a apresentação do projeto relacionado à produção de cartazes, numa reunião de professores/as.

Após vencer as etapas relatadas acima, comecei a pensar em como seria o caminho a trilhar até a construção dos cartazes, de forma que esses representassem a materialização do posicionamento crítico dos/as alunos/as para a desconstrução de estigmas discriminatórios ligados a gênero e a sexualidades.

Nossa primeira discussão firmou-se a partir dos conceitos de gênero e machismo (violência de gênero), por considerar a interseccionalidade, entre a negação da identidade de gênero, de orientação sexual (que fogem da heteronormatividade), com vivências de padrões restritos de masculinidades e feminilidades, Junqueira assinala que:

processos heteronormativos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos. Tais processos __ que são pedagógicos e curriculares __ produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre meninos e rapazes (2012, p.285)

A maioria dos alunos/as apresentou maior curiosidade, e também preconceito, com relação às pessoas trans. Diante disso, convidei as integrantes da ADEH, na época, Mireli Barbosa Martins, mulher cisgênero (psicóloga e psicanalista voluntária da ADEH) e Kelly Vieira, mulher trans (presidenta da ADEH na ocasião), para somarem em relação às discussões sobre gênero, orientação sexual e identidade de gênero na escola. Comuniquei novamente à Orientação Pedagógica sobre minhas intenções de leva-las à escola. Então, solicitaram-me o planejamento com os dias predeterminados das intervenções e o nome das convidadas. Isso, segundo as orientadoras, serviria para dar aporte às palestrantes que, assim, teriam a sala informatizada como local para explanação e contribuição técnica caso quisessem projetar imagens. Em seguida, conversei com os alunos/as sobre a presença de Mireli e Kelly na escola e as contribuições que fariam, devendo, ambas, serem respeitadas da mesma maneira.

Mireli compareceu, em primeiro, no espaço escolar. Pedira-lhe que trouxesse imagens, da mídia, relacionadas à diversidade de corpos, a fim de discutir as sexualidades, principalmente sobre pessoas trans. Foi um encontro bastante produtivo, no qual os alunos/as foram bastante participativos, fazendo perguntas e dando suas opiniões. Como eram somente 45 min para explanação e interação, a convidada voltou na semana seguinte, direcionando o debate para o tema “orientação sexual” e tentando sanar as dúvidas iniciadas durante a visita anterior. Os alunos/as mantiveram a postura anterior, fazendo perguntas e pedindo silêncio quando algum colega fazia barulho, e atrapalhava o entendimento das respostas da Mireli. Após a saída dela, ao toque do sinal para retirarem-se, um aluno disse-me que, apesar de respeitar, não gostava de conviver com homossexuais. Respondi-lhe que respeitar significava reconhecer o direito à diferença e que, além daquilo que aparentamos, somos todos humanos e aprendemos uns com os outros. Dessa forma, fica complicado afirmar que não temos preconceito e, no entanto, querer o outro (que representa a diferença) longe de nós. Depois disso, ele foi embora. Nesta direção Skliar (professor Drº argentino atuante na área da Educação, com enfoque na Filosofia da Educação) ao problematizar o outro/a nas relações de alteridade, pondera que:

Se voltarmos o olhar – o nosso olhar -, existe, sobretudo, uma regulação e um controle que define para onde olhar, como olhamos quem somos nós e quem são os outros e, finalmente, como o nosso olhar acaba por sentenciar como somos nós e como são os outros. (2003, p. 71)

A negação, a partir de uma distância do outro, serve como controle do que parece ser contagioso, no âmbito de uma visão heterossexista. Kelly compareceu duas semanas após Mireli. Numa conversa anterior a sua presença na escola, demonstrara apreensão com relação à forma como seria recebida e a possibilidade de sofrer transfobia. Contudo, disse-lhe que conversara com os alunos/as e que eles a recepcionariam com o mesmo respeito concedido à Mireli. Ainda naquele encontro, planejara com Kelly os pontos que deveriam ser ressaltados, considerando a reação dos alunos/as às minhas intervenções e às explicações da Mireli. Portanto, ficou acordado que ela abordaria os direitos das pessoas trans, principalmente em relação ao nome civil.

Após a visita da Kelly, observei que sua presença suscitou curiosidade, principalmente pelo fato dos/as alunos/as quererem saber se ela tinha “feito a operação de transgenitalização” ou não, mas não foram desrespeitosos como a palestrante temia. Vale ressaltar a grande relevância do destaque dado por Kelly à forma adequada de eles e elas tratarem as pessoas: pelo gênero que aparentam/querem ser reconhecidas, evitando assim constrangimentos desnecessários, que geram discriminações. A interação entre eles e a convidada foi bastante satisfatória, pois os/as alunos/as escutaram-na atentos/as sua explicação e, quando tiveram espaço, alguns deles/as fizeram colocações que contribuíram para sabermos sobre suas reflexões a respeito dos temas trazidos por Kelly. Assim, surgiram opiniões como: “não é legal você ser tratado/a por um nome que te constrange” e “algumas pessoas não aceitam que uma pessoa seja trans, mas elas apenas deveriam respeitar”.

Posterior à presença da Kelly, antes de começarmos os preparativos para a confecção dos cartazes, pedi aos alunos/as que avaliassem, oralmente, a presença das palestrantes na escola: se conseguiram sanar suas dúvidas. A maioria disse que fora positiva a presença da Mireli e da Kelly na escola. Na aula seguinte, mostrei-lhes, via projetor, imagens de cartazes utilizados em protestos e a bandeira LGBT, com o intuito de analisar tipos de fontes, cores e ideias. Salientei ainda, que os cartazes a serem produzidos não deveriam se configurar em mime-se e que poderiam utilizar materiais e técnicas variadas (colagem, desenho, pintura, dentre outras) na execução destes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que através da Arte os alunos/as podem conhecer “o fazer artístico como experiência poética” (BRASIL, 1997, p.44), aliando técnica, uso de materiais e suportes diferenciados com um fazer significativo, quando a experiência passa pela reflexão. Antes de chegar ao cartaz como produto final, os/as alunos/as precisavam esboçar suas ideias e pensar o material que utilizariam; porém, o suporte (a cartolina e suas dimensões) fora predeterminado pelo concurso. Neste sentido, a liberdade de

criação estava ligada aos materiais e técnicas, cores, tipos de letras escolhidos, o que não representou, a meu ver, um limite ao desenvolvimento dos cartazes. Os aluno/a empenharam-se bastante, durante o processo de execução dos cartazes, pois suas ideias seriam por mim avaliadas (clareza e objetividade através das frases, dos desenhos e das colagens como um todo). Em meio a essas questões, alguns grupos tiveram que repensar as frases e imagens escolhidas por eles para os cartazes. Isso fez da construção contínua durante o processo o ponto principal da aprendizagem, sem considerar o certo ou errado.

Assim que os cartazes ficaram prontos, foi sugerido pelos/as alunos/as que eu e a professora Mabel Gomes, do Reforço Escolar, naquele momento, escolhêssemos os “melhores cartazes”, conforme os critérios que lhes esclareci (adequação ao tema e coerência com a proposição estética). Já que cada professora só poderia escolher dois cartazes para participar do concurso, convidei a referida colega para inscrever mais dois, além de escolher os quatro mais representativos. Mais tarde, a exposição dos cartazes para a comunidade escolar foi feita entre os dias 20 e 24 de maio de 2013. Durante a exposição dos cartazes, os/as alunos/as fizeram fotografias de suas produções e propus-lhes, na época, que postássemos no blog da escola, juntamente com uma pequena explicação sobre nossa atividade, o que perdurou 1º bimestre, culminando em uma avaliação dos alunos/as como um todo.

No ano de 2014, participei do Concurso de Cartazes contra Homo-Lesbo-Transfobia e Heterossexismo, como professora efetiva, 40 horas da EBB Pero Vaz de Caminha, localizada no bairro de Capoeiras, Florianópolis. Minha participação deu-se com uma turma de 8º série, nomenclatura usada até então, do turno vespertino. Neste ano, especificamente, seguindo as regras do edital, o/a professor/a deveria produzir um *banner*, que poderia ser manual, a fim de expor o relato de todo o processo de ensino/aprendizagem até chegar aos cartazes, o qual deveria conter algumas fotos para ilustrar o processo.

No primeiro momento, coloquei os alunos/as a par do que era o Concurso de Cartazes e qual a sua finalidade. Ao toparem participar, comecei a pensar sobre as estratégias que utilizaria, tendo como referência minha primeira participação no concurso de 2013. Fiz meu *banner*, obedecendo às regras do concurso quanto a dimensões e cabeçalho. Quanto à disposição do texto que relatou meu processo com os alunos/as, dividi em subtítulos, cada qual escrito em um papel de cor diferente, as bordas decoradas com desenhos dos símbolos da biologia referentes ao masculino e ao feminino interseccionando-se e assim, formando outras possibilidades com relação ao gênero e a sexualidades. O título inicial era “Para começo de conversa”, no qual constava: o nome da escola, o período em que começaram as estratégias de aprendizado para realização dos cartazes (neste caso final de março) e o modo que os

alunos/as receberam a ideia de participar do concurso. No subtítulo, “Caminhos trilhados”, abordei as estratégias de ensino/ aprendizagem adotadas, as quais descreverei a seguir: após receber a aceitação dos/as alunos/as, comuniquei nossa participação no Concurso à direção da escola, a qual apoiou minha decisão de participar do concurso. Neste sentido, minha primeira iniciativa, para elaboração dos cartazes, foi apresentar, em *Power Point*, as imagens do concurso do ano anterior, nas quais havia os cartazes vencedores e os desenvolvidos pelos alunos/as da escola E.B.M. Dr. Paulo Fontes. Ao final dessa aula, pedi-lhes que pesquisassem sobre os significados dos termos: lesbofobia, transfobia, homofobia e heterossexismo, para a aula seguinte. Após discutirmos as consequências sociais destas práticas discriminatórias, uma das alunas relatou uma vivência sua, na qual, durante uma festa, um casal de homens foi agredido ao beijarem-se. Segundo ela, algumas pessoas, discordando da atuação do agressor, imobilizaram e levaram-no até os seguranças. A maioria dos/as alunos/as achou legítimo o posicionamento das pessoas que se colocaram contra homofobia, não ignorando a violência presenciada.

A partir do relato da aluna sobre a cena de homofobia vivenciada e da reação de seus/suas colegas a este relato, com o intuito de aprofundar a discussão sobre homossexualidade e opressão, no ano de 2014, incluí em meu planejamento a exibição do curta “Leve-me pra sair”, de 2013, (documentário sobre um grupo de jovens gays, entre 16 a 18 anos, de São Paulo, e a forma como se percebem em relação aos outros e a si mesmos) com direção de Alana Menk, Babi Sonnewend, Jessica Puga, José Agripino e Juily Manghirmalani. O vídeo contribuiu para discutir sobre, por exemplo, o termo “opção sexual”, sobre situações de discriminação e sobre construção da sexualidade a partir da visão de quem é discriminado por sua orientação. Aproveitei a oportunidade e explorei, ainda, a reflexão sobre o perfil dos jovens que participaram desse documentário, no que diz respeito à classe social e à etnia; pois, esses dez jovens (mulheres e homens) pertenciam à classe média paulistana e nenhum deles era negro/a. Nesse viés avaliativo de perfil, observa-se a falta a diversidade de entrevistados com relação à classe social e à etnia. Além desse, um segundo vídeo fora apresentado, no qual há uma relação com a transexualidade__ temática que desperta bastante curiosidade e a controvérsia entre alguns alunos/as. Nessa entrevista, baixada do *youtube* e pertencente ao programa de entrevistas “Opinião Minas”, de 09/05/2012, a professora transexual, Marina Reidel, além de apresentar o VII Encontro de Travestis e Transexuais da Região Sudeste e o I Encontro da Rede Educ-Trans, discorre sobre suas relações e experiências no contexto escolar. Durante a discussão que se deu após a visualização do vídeo, uma aluna relatou ter uma prima transexual, a qual teve que

enfrentar__ e ainda enfrenta__ a hostilização de alguns familiares e estranhos. Perguntei-lhes o que achavam dessa situação e a maioria disse-me não concordar com a opressão sofrida, por quem tem uma identidade de gênero ou orientação sexual diferente da norma. Segundo Louro:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. (LOURO, 2000, p. 07)

A pesar de os/as aluno/as terem se mostrado contra a homofobia, transfobia e conviverem com amigos e parentes que vivenciam estas identidades, alguns/mas renegam enquanto, subversão à norma, como um comportamento antinatural, pois têm a heterossexualidade como padrão. No ano posterior a esse relato, o NIGS enviou para os/as professoras, virtualmente, a cartilha violências NIGS-UFSC utilizada por mim via projeção como alternativa para não ter que imprimir cópias, visto que extrapolaria minha cota de impressões estabelecida pela escola (200 cópias mensais para quem tem 40 horas). Assim, promovi uma leitura coletiva, a qual tornou a aula mais dinâmica, a fim de que revisassem alguns conceitos e se apropriassem de outros. Então, analisamos conceitos como: identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico, dentre outros.

Reiteradamente, conforme o ano anterior, convidei Kelly Vieira, da diretoria da ADEH, para palestrar, no intuito de enriquecer nosso processo de ensino/aprendizagem, trazendo outros “olhares”, ligados ao movimento social, e as experiências práticas na busca de “equidade social” para pessoas travestis e transexuais. Então, conversei com a diretora sobre tal possibilidade, pois toda ação que envolva pessoas que não estão diretamente ligadas ao cotidiano escolar, precisa ser previamente combinada, para que se justifique a inserção de uma palestrante no planejamento, e organize-se a recepção dela. Assim, foi estabelecido o dia e hora da intervenção, para que não ocorresse choque com algum evento escolar como: Conselho de Classe, Reunião Pedagógica, dentre outros. A partir do aval da direção, comuniquei aos adolescentes e, conversamos sobre a postura de respeito que deveriam ter com a convidada, por reconhecer e testemunhar atitudes transfóbicas no espaço escolar, embora nem sempre sejam assumidas como tal no discurso, devido à sua naturalização. Rememorei com eles o caminho percorrido e nossos objetivos no processo para construção dos cartazes, cujo principal fundamento era interferir nas ações cotidianas de preconceitos/discriminações que precisam ser superadas com conhecimentos/reflexões que visam o respeito à diversidade. Antes disso, combinei com a Kelly questões sobre as imagens, a partir das quais seria interessante mediar o diálogo com os estudantes. Essas imagens teriam

relação com identidade de gênero, explorando questões relacionadas a diferentes possibilidades e formas de vivenciar masculinidades e feminilidades. Durante a explanação da Kelly, os/as alunos/as mostraram-se muito atentos e interessados, tanto na sua fala, quanto nas imagens apresentadas: um homem grávido nu, uma boneca negra com pênis e um homem trans estadunidense, Buck Angel, ator pornô e ativista LGBT. Na etapa antes de começarmos a construção dos cartazes, com eles/as, visualizei outros de protesto a favor da causa LGBT, incentivando-os a prestar atenção nos recursos estéticos (cores, fontes) e nas mensagens escritas__ o que os ajudariam na construção das suas propostas.

O subtítulo “Processo de seleção dos cartazes” descreve a forma como foram selecionados os cartazes, para participação no concurso, a partir da sensibilização dos/as alunos/as para o envolvimento da comunidade escolar, nesse processo. Todos/as envolvidos na seleção dos cartazes eram, previamente, informados/as sobre o referido concurso e seus critérios (apresentação do tema do concurso de forma coerente e composição estética) para selecionar os cartazes dos/as alunos/as. Sendo assim, participaram da votação dos três cartazes que estariam no concurso: os/as estudantes do 7º e 8º ano, três funcionárias da limpeza, a diretora da escola e os docentes das séries finais do Ensino Fundamental. O penúltimo subtítulo era “Dificuldades e acertos no processo de ensino aprendizagem”, o qual trazia como dificuldades os contratempos na escola, que não estavam previstos e que comprometeram o cumprimento literal das normas estabelecidas pelo edital do Concurso de Cartazes, como por exemplo: reunião pedagógica, a dispensa de aluno/as por falta de professor/a e o conselho de classe. Isto fez com que o tempo de confecção dos cartazes fosse prorrogado, afetando o tempo de exposição dos mesmos na escola. Além disso, trazia como pontos positivos: a participação comprometida dos/as alunos/as no processo de confecção dos cartazes e ainda, a contribuição de colegas que me cederam suas aulas e ajudaram-me na correção ortográfica dos cartazes. Para finalizar meu *banner*, escrevi o subtítulo “Conclusão”, no qual ponderei sobre minha experiência como algo em aberto, a partir de uma determinada postura que se deve ter, com relação a uma educação que se propõe diversa e igualitária e que, contudo, coloca-se como uma busca, a qual passa pela análise crítica da prática, sem apresentar ponto final, consoante ao que Freire (1996, p. 43-44) assinala: “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Pensando nesta direção, não há uma conclusão e sim, uma caminhada que leva a um melhor posicionamento metodológico para tempos e espaços diferentes nas situações pedagógicas, que sempre estão sujeitas a um novo olhar.

Minha última participação no “Concurso de Cartazes contra Homo-Lesbo-Transfobia e Heterossexismo”, ocorreu em 2015, o último ano de vigência deste enquanto projeto de extensão. Particpei com duas turmas do 9º ano, dos turnos matutino e vespertino (turmas 91 e 92), da escola EEB Pero Vaz de Caminha. Conforme ocorrido nos anos anteriores, comuniquei os/as alunos/as sobre nossa participação no Concurso de Cartazes e obtive sua concordância. Alguns alunos/as presentes nestas duas turmas haviam participado enquanto pertencentes ao 8º ano, em 2014. Portanto, pude reviver com estes e compartilhar com os outros/as nossa experiência do ano anterior. Comecei as abordagens que culminariam na construção dos cartazes no final do 2º bimestre. Repeti algumas atitudes tomadas nos anos anteriores, como avisar à direção sobre nossa participação no “Concurso de Cartazes”. Assim, pude contar com seu apoio, já que algumas ações extrapolariam meus 90 minutos por semana com os/as alunos/as, requerendo a extensão para a aula de algum colega. Então, principiei meu planejamento trabalhando o conceito de gênero e propus uma reflexão sobre o papel de homens e mulheres na sociedade. Em seguida, foi distribuído, para cada aluno/a, o “Almanaque D’Elas”, idealizado e produzido pela Rede Nacional Feminista de Saúde (publicação da campanha: Ah... Então sou feminista!), quando conversamos brevemente sobre a história do feminismo e lemos juntos/as, respondendo ao teste “Você é Feminista?”, o qual continha dez questões, cujas três primeiras perguntas eram: *Você concorda que uma mulher deve receber o mesmo valor que um homem para realizar o mesmo trabalho?* ; *Você concorda que mulheres devem ter direito a votar e serem votadas?* e *Você concorda que mulheres devem ser as únicas responsáveis pela escolha da profissão, e que esta decisão não pode ser imposta pelo Estado, pela escola nem pela família?*. A maioria dos/as alunos/as, identificou-se como feminista. A intenção era construir com eles/as a ideia do feminismo enquanto luta por direitos para as mulheres, não sendo o contrário de machismo e sim, uma crítica a uma sociedade patriarcal que cria e administra desigualdades entre os gêneros, levando a violências diversas (desigualdade salarial, assassinatos, violência sexual, dentre outros). Para ilustrar este quadro, vimos um vídeo sobre a violência contra mulher, e para finalizar o diálogo sobre assimetria de gênero, apresentei o Art. 7º da Lei Maria da Penha (que especifica os tipos de violências), para lermos e analisarmos. Os/as alunos/as tiveram que dar exemplos práticos de cada forma de violência, através de desenho ou de escrita. Para discutirmos o conceito de orientação sexual, debatemos o vídeo “Me leva para sair”. Alguns alunos/as acharam o documentário contraditório, com relação à orientação sexual ser uma escolha das pessoas, ou algo pelo que elas optam. Porém, declarei que o mais elementar é

entender a diversidade sexual como algo importante de ser reconhecido/respeitado e, o heterossexismo como algo opressor.

Apresentei ainda para analisarmos reportagens impressas tiradas de sites como: Carta Capital, Vol. notícias, e “Diário Liberdade” (site anticapitalista). As reportagens respectivamente evidenciavam casos de transfobia (uso do nome civil, ao invés do nome social na universidade), homofobia (pai e filho confundidos com casal gay) e lesbofobia (mulheres agredidas fisicamente em calourada, por formarem um casal). Os educandos foram separados em três grupos com cinco pessoas cada. Em primeiro, os grupos liam a matéria entre si, depois a apresentavam e emitiam sua opinião sinteticamente. Por último, apresentei imagens estáticas projetadas para leitura, do ensaio fotográfico feito pela fotógrafa e atriz Sabrina Marthendal, com relação a frases homofóbicas. Ao trazer materiais midiáticos, presentes na internet (Youtube e redes sociais), para discussão, objetivei possibilitar um processo de aprendizagem que se aproximasse criticamente do cotidiano. Hernández, doutor em Psicologia e professor de História da Educação Artística e Psicologia da Arte na Universidade de Barcelona e teórico da Cultura Visual, (2009, p. 37) assinala que “trata-se de se aproximar de lugares culturais, onde meninos e meninas, sobretudo os jovens, encontram hoje muitas de suas referências para construir suas experiências de subjetividade”, porém esta aproximação necessita da construção de um olhar aguçado que qualifique a leitura: seja de imagens em movimento, bidimensionais, televisivas, dentre outras.

No dia 18 de agosto, dentro da programação do mês da diversidade, a escola recebeu o “Cine D Itinerante” (projeto ligado a ADEH), em dois turnos, para contemplar as duas turmas. Os integrantes da ADEH promoveram, a meu pedido, um debate sobre sexualidades com os/as estudantes, a partir da visualização do curta-metragem espanhol “Vestido Novo”, de 2007, direção de Sergio Pérez, para discutir, principalmente, questões ligadas à identidade de gênero e exclusão escolar. Estiveram presentes a atual presidenta da ADEH, Lirous Fonseca, e o colaborador Matheus Martins. Posteriormente à visualização do filme, os/as alunos/as foram instigados a comentar suas impressões a respeito do curta: a maioria gostou e alguns ficaram emocionados. Houve comentários como: “que legal o pai ter apoiado o filho” e “Ele/a só queria vestir a fantasia com a qual se identificava mais”. Fonseca explanou sobre problemáticas relacionadas ao machismo e à opressão que sofrem as pessoas que nascem enquadradas num conceito estreito de masculinidade e identificam-se com o universo considerado feminino. Ela falou ainda de nome social e de violência transfóbica, a qual resulta na evasão escolar das pessoas Trans. Neste âmbito, aluno/as foram instigados a pensar sobre identidade de gênero, sobre a cultura de violências ligadas a gênero__ as quais sofremos

e praticamos__ e ainda, sobre necessidade de superá-las, com ações cotidianas que as desconstruam enquanto práticas sociais. Louro, prof.^a e Dr.^a em educação com estudos na área de gênero, sexualidade e Teoria *Queer*, enfatiza que:

Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade_ (2000, p.09)

Deste modo, a escola como lugar de reprodução de práticas sociais assimétricas, deve superar esta perspectiva através de abordagens democráticas e diversas, que positivem e deem visibilidade a identidades rejeitadas, desconstruindo relações hierárquicas com relação a gênero, identidade de gênero, orientação sexual, étnicas, dentre outras.

Como estratégia de aprendizagem, presente em outros anos, os/as alunos/as, orientados a construir frases coerentes com os temas que iriam abordar (homofobia, lesbofobia, transfobia e heterossexismo), começaram os cartazes, além de prestar atenção na composição estética quanto à linguagem formal: cores, disposição das figuras, técnicas, dentre outras questões. Também foram visualizados cartazes do concurso anterior e cartazes de protesto, para avaliar possibilidades. Neste ano, assim como em 2014, os três cartazes selecionados foram escolhidos mediante votação, dos representantes de cada turma, do 6º ao 9º ano (Ensino Fundamental), professores, direção e funcionárias da limpeza. A exposição dos cartazes na escola começou no dia 18 de setembro, e foi encerrada no dia 25 de setembro. Também, como nos outros anos, foi de suma importância o apoio de meus colegas professores/as e direção, pois alguns colegas cederam-me suas aulas para que os/as alunos/as pudessem finalizar seus cartazes. Portanto, os contratempos do cotidiano escolar também se fizeram presentes neste ano, tais como: dispensa de alunos/as e troca de horários, o que influenciou no planejamento que “deveria” estar afinado com o edital do Concurso de Cartazes. Por isso, ao invés expor os cartazes a partir do dia 14 de setembro, como estabelecia o edital, eles foram expostos a partir do dia 18 de setembro. O que vai ao encontro da reflexão de Skliar (2012, p 148) “Eu já o sabia: nenhuma esquina jamais é suficiente como para impedir o inevitável desencontro”, ou seja, a impossibilidade de se assumir uma trajetória que se assemelhe a uma linha reta. Nesta direção, surgem as adequações/readequações.

Escolhi manter a maior parte das estratégias de ensino/aprendizagem, aplicadas durante os anos 2013, 2014 e 2015, prestando atenção na resposta dos/ alunos/as quanto às

táticas utilizadas até chegar à confecção dos cartazes, devido aos resultados positivos que obtinha. Os materiais utilizados para tal confecção, em todos os anos, estiveram atrelados ao que havia disponível na escola e o que os/as alunos/as pudessem e se disponibilizassem a trazer de casa. Mantive também durante os três anos a presença das palestrantes, atreladas ao movimento social, para problematizar as questões discutidas, referentes a gênero, identidade de gênero, por exemplo, enquanto reivindicação de Políticas Públicas. Apenas no ano de 2013, não utilizei imagens audiovisuais. No ano de 2015, exclusivamente, trouxe reportagens referentes à transfobia, homofobia e lesbofobia a fim serem debatidas para promover um olhar de estranhamento sobre o cotidiano, desnaturalizando preconceitos e discriminações referentes a essas posturas. Além disso, para aprofundar as discussões sobre gênero, trouxe o “Almanaque D’Elas”, distribuído aos professores/as durante uma aula presencial, ligada à temática de gênero, da Especialização de Gênero e Diversidade na Escola-UFSC, sendo também analisado/debatido o Art. 7º da Lei Maria da Penha, a partir do qual realizamos trabalhos teóricos e práticos para ilustrar as formas de violência evidenciadas neste. No ano de 2014/2015, adotei a utilização de curtas-metragens no planejamento e utilizei vídeos da internet. Assim, procurei promover as discussões ligadas à homofobia, lesbofobia, transfobia e heterossexismo, diversificadas, via linguagem audiovisual, ainda que fosse preservado o uso das imagens bidimensionais, como na análise de imagens das fotografias feitas pela fotógrafa e atriz Sabrina Marthendal, com relação a frases homofóbicas e imagens tiradas da internet, como as do ator Buck Angel, para pensar estas questões dentro do campo da arte, não me restringindo a obras de arte, mas abrangendo as imagens geradas pelo e no cotidiano. Hernández considera que:

As representações visuais contribuem, assim como os espelhos, para constituição de maneiras e modos de ser. As representações visuais derivam-se e ao mesmo tempo interagem de e com as formas de relação que cada ser humano estabelece, também com as formas de socialização e aculturação nas quais cada um se encontra imerso desde o nascimento e no decorrer da vida. (HERNANDEZ, 2009, p 31)

Sendo assim, as imagens, tanto lidas, quanto produzidas, tiveram um importante papel no processo de ensino/aprendizagem que levou à confecção dos cartazes, já que foram escolhidas para serem significantes e produzirem significado para o produto final (cartazes) a partir de leitura crítica e contextualizada destas, como fruto da cultura.

Estabelecer um elo entre os três anos que participei do concurso de cartazes, para refletir sobre a influência deste nas estratégias de ensino/aprendizagem adotadas, implica em recuperar esboços; cavocar os rascunhos; rememorar os desvios e, sobretudo, ratificar a

experiência que a princípio esteve vinculada diretamente à conclusão do curso de Gênero e Diversidade na Escola. Mas, além disso, há a postura que todo/a professor/a precisa ter no intuito de promover uma educação que desconstrua estigmas sociais que geram assimetrias, como bem discorre Hernández “uma narrativa que considere que o pedagógico é também uma prática política e que não se reduz ao processo de ensino-aprendizagem” (2009, p. 39). Nesta direção, a educação se dá para as relações como um todo, não somente no âmbito escolar, objetivando uma transformação social.

3 OLHANDO O OLHAR: UMA ANÁLISE DOS CARTAZES PRODUZIDOS PELOS ALUNOS E ALUNAS

Os cartazes produzidos durante as participações no Concurso de Cartazes (2013, 2014 e 2015) tinham, sobretudo, como intenção a qualificação do processo de ensino/aprendizagem para se chegar a um produto estético que deveria apresentar de forma clara as reflexões sobre as temáticas abordadas, pautando-se pelos parâmetros da Arte-Educação, com o intuito de contribuir para a desconstrução de paradigmas preconceituosos e discriminatórios.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997-1998) trazem orientação sexual e gênero como temas a serem tratados em uma perspectiva transdisciplinar, ou seja, toda e qualquer disciplina deverá abordar estes temas com o intuito de promover o respeito às diferenças e a progressiva dissolução de paradigmas opressivos e discriminatórios, que resultam em relações sociais de exclusão, o que se apresenta como um grande desafio para a maioria dos professores/as dentro de sua prática pedagógica cotidiana. Nesta direção, o Concurso de Cartazes colocou-me num lugar de pensar em como abordar a partir “do meu lugar”, no âmbito da Arte/Educação, questões sobre homofobia, lesbofobia, transfobia, e heterossexismo na escola. Assim, a produção dos/as alunos/as foi direcionada por uma construção crítica do conhecimento, na qual os materiais escolhidos, as cores, para confecção dos cartazes faziam parte da ação “olhar o olhar”, em que repensar posturas em relação a masculinidades e feminilidades eram fundamentais para se chegar ao resultado final. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte informam que na Arte “o processo de conhecimento advém de relações significativas, a partir das percepções das qualidades de linhas, texturas, cores, sons, movimentos” (BRASIL, 1997, p.39). Neste sentido, existe uma ligação direta entre a composição estética e as reflexões feitas a partir dos conhecimentos adquiridos.

Nos três anos de participação no Concurso de Cartazes, utilizei a mesma estratégia para construí-los, a qual consistia na ação de os/as alunos/as precisarem: construir o esboço do cartaz; escrever em uma folha A4 quais materiais a serem utilizados na confecção, além de esboçar a frase ou frases que seriam escritas nele. Depois disto, avaliávamos junto/as (alunos/as e professora) a coerência entre ideias e ação, partindo então para o cartaz de fato.

Seguindo a orientação do edital do Concurso de Cartazes contra Homo-Lesbo-Transfobia e Heterossexismo nas Escolas, eu montava os grupos com no máximo cinco

peças. A seguir, analisarei dois cartazes produzidos pelos/as alunos/as da Escola Paulo Fontes de Florianópolis, que participaram do concurso, no início de 2013 durante o 1º bimestre:

Cartaz 1



(imagem baixada do Facebook do Concurso de Cartazes)

Cartaz 2



(imagem baixada do Facebook do Concurso de Cartazes)

Na primeira imagem, os alunos/as construíram a frase inicial do cartaz como uma pergunta, que faz alusão à falta de aceitação com relação às formas de amar, performatizadas pela orientação sexual. O símbolo desenhado no centro do cartaz, pintado de preto, refere-se ao símbolo da paz, encontrado de formas variadas em estampas de camisetas, por exemplo, as

criadas em 1958 pelo artista e designer britânico Gerald Holtom (1914-1985), para representar o “Movimento pela Paz” ligado à “Campanha pelo Desarmamento” . Esse símbolo dialoga com o todo do cartaz e ainda, sugere que ser contra a homofobia e aceitar outras formas de amar contribui para a paz. A frase final traz a afirmação “Seja contra a homofobia”, ou seja, não se oponha ao seu preconceito e discriminação a outras formas de amar. Os materiais utilizados pelos/as estudantes foram: como suporte a cartolina e, para pintar, foram utilizados lápis nas cores que fazem referência à bandeira LGBT, criada em 1977, pelo artista plástico estadunidense Gilbert Baker, a qual possuindo seis listras de cores diferentes (roxo, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho), que, dispostas na horizontal, representam a diversidade humana. Porém, a criada pelos/as alunos/as não obedece à mesma disposição das cores nem tonalidades.

Já o segundo cartaz apresenta na borda os símbolos do masculino e do feminino, referenciados pela biologia. Estes aparecem interligados, ora um feminino com um masculino, ora um feminino com um feminino e um masculino com um masculino, nas cores rosa e azul, fazendo referência à orientação sexual. A primeira frase liga-se ao pensamento dos personagens, presentes nos balões, onde se posicionam contra a: homofobia, a transfobia e a lesbofobia. Os personagens, desenhados a lápis, representam casais brancos, formados respectivamente por: dois homens, uma mulher e um homem e duas mulheres. O fundo colorido do cartaz tem como referência a bandeira LGBT. A penúltima frase faz referência à responsabilidade que todos/as têm para combater a homofobia, independentemente de ser ou não, homossexual.

Cartaz 1



(imagem baixada do Facebook do Concurso de Cartazes)

Cartaz 2



(imagem baixada do Facebook do Concurso de Cartazes)

Os cartazes acima foram produzidos no ano de 2014, pelos/as alunos/as da turma 83 da Escola EBB Pero Vaz de Caminha. O primeiro cartaz traz como título a afirmação “Preconceito não”, sendo que, na primeira frase do cartaz, o título repete-se, criando uma rima com “amor ao próximo irmão!”. Logo abaixo, vem a frase “Ah sim, respeito sim”, atrelando o ato de respeitar com a ação de não discriminar, citando grupos discriminados com relação à sua orientação sexual e identidade de gênero: gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais. Finalizando o parágrafo com direitos iguais, o grupo de alunas está fazendo uma crítica à heteronormatividade. As listras coloridas, ao fundo, pintadas com giz de cera, fazem referência à bandeira LGBT, embora não obedeçam à mesma organização das cores, nem à mesma orientação horizontal (elas optam pela organização vertical das listras). No primeiro plano da composição do cartaz, além do texto, observamos a figura de duas mulheres aparentemente jovens, desenhadas a lápis, contornadas com canetinhas e pintadas com giz de cera, uma loira e outra negra, fazendo alusão a um casal interracial de lésbicas.

O segundo cartaz recebeu o prêmio de menção honrosa, no Concurso de Cartazes NIGS-UFSC e possui orientação vertical. Foi pintado com tinta guache e faz alusão em suas cores e linhas à bandeira GLBT, embora não obedeça à mesma ordem estética. O texto, bem como o desenho, vem destacado dentro de uma moldura preta, criada com recorte de cartolina

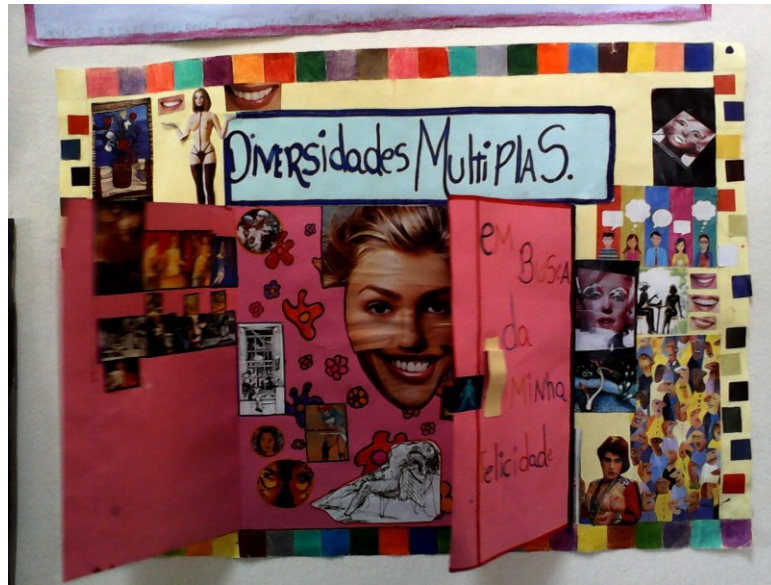
e depois pintada de preto. Quanto ao desenho, podemos dizer é uma interseção entre os símbolos do masculino e feminino, ambos ligados à biologia. Eles representam, neste contexto, a diversidade de possibilidades de exercício da sexualidade. Foram concebidos com lápis de escrever contornados com canetinha e pintados nas cores azul e vermelho. A cor azul atribuída ao masculino, comumente, é trocada pelo vermelho e também interrelacionada ao azul. Ao inserirem as duas cores no símbolo masculino, desconstrói-se a ideia da cor presa a apenas uma possibilidade. Assim como os símbolos que, ao se ligarem, sugerem outras possibilidades de identidade de gênero. A primeira frase do cartaz, escrita a lápis e contornada com canetinha preta, traz como mensagem a necessidade de se dar mais espaço para o amor e nenhum espaço para o preconceito, o que tornaria nossas relações menos excludentes. No segundo parágrafo, é reforçada a ideia, de que, ao se dar espaço para o respeito, diz-se não à exclusão. O último parágrafo determina que os sujeitos, vítimas de exclusão, são os que têm uma orientação sexual divergente, dentro da diversidade, da norma.

Cartaz 1



(acervo pessoal)

Cartaz 1



(acervo pessoal)

Cartaz 2



(acervo pessoal)

Os cartazes acima, 1 e 2, correspondem ao ano de 2015, último ano do concurso de cartazes e portanto, minha última participação, que foi com as turmas: 91 e 92 da EBB Pero Vaz de Caminha. O cartaz número 1, com o título “Diversidades Múltiplas” foi premiado na escola pelo NIGS-UFSC, quando o núcleo foi visitar a escola para conferir a exposição e os cartazes selecionados. Ele traz como tema “a diversidade como um todo”, que é traduzida pela escolha das imagens tiradas de revistas (desenhos, pinturas, fotografias) e colagens, que representam diversos tipos de corpos e rostos relacionados a identidades étnicas, às de gênero

e a orientação sexual. O papel rosa, colado e construído para representar um armário, serve como metáfora da liberdade de poder ser o que se desejar, correspondendo, de acordo com as frases escritas com canetinha colorida na porta do armário, à busca da felicidade de colocar-se como uma pessoa num mundo onde a diversidade é a regra, ou deveria ser. “Dentro do armário”, ao centro, em destaque, encontra-se a colagem do rosto de uma mulher jovem, na qual, do nariz para baixo, foi encaixada uma boca sorridente junto ao queixo de outra mulher. Também “dentro do armário” há flores coloridas, pintadas com lápis de cor predominantemente nas cores quentes (laranja, amarelo e vermelho) e contornadas com canetinha de cores escuras. A margem do cartaz, feita com papéis de cores variadas, também corrobora para a ideia de diversidade como bela e a aceitação desta, como o caminho para felicidade individual. O segundo cartaz, dentre todos os analisados, é o único que retrata uma família homoafetiva, representada por dois pais e uma menina. Os dois homens brancos, um moreno e outro loiro, estão entre uma menina morena de cabelos cacheados com uma expressão sorridente. No fundo, para destacar os personagens, foi colada purpurina dourada. A frase centralizada no cartaz, acima da cabeça deles, relaciona o “ser contra a homossexualidade”, com o “colocar-se contra o amor”, que neste caso está relacionado à família. Na lateral esquerda, em diagonal, encontra-se a frase “não ao preconceito”, que significa positivar as várias possibilidades de núcleos familiares, superando a homofobia.

Todos os cartazes analisados apresentam em sua composição frases escritas e imagens criadas ou tiradas de revistas, que complementam o sentido da mensagem escrita. Apenas o cartaz nº 1, de 2015, apresenta uma visão abrangente sobre diversidade, ligada à orientação sexual, gênero, etnia e padrões de beleza. Com relação à representação de uma família homoafetiva, dos três anos em que participei do concurso de cartazes, o cartaz nº 2, de 2015, é o primeiro a representar esta temática, considerando que, no referido ano, um grupo pequeno de alunos e alunas, durante as discussões sobre orientação sexual e família, demonstrou acreditar no modelo de família heterossexual como norma, estando atrelados/as a crenças religiosas conservadoras. O processo para confecção dos cartazes primou, sobretudo, coerência com o tema e pela criatividade. Procurei propiciar espaço para as diferentes formas de dizer/comunicar aquilo que os/as alunos/as apreenderam mediante os conhecimentos compartilhados, as imagens lidas (em movimento, bidimensionais) e decodificadas. Os temas relacionados à orientação sexual, identidade de gênero, heterossexismo, deveriam estar explícitos nos cartazes, juntos ou separados. Em relação a isso, os cartazes analisados acima comunicam originalidade tanto nas frases criadas, quanto na forma com que se apropriam de técnicas como: desenho, colagem, pintura, entre outras, fazendo com que não se repitam. Para

Ostrower, Artista brasileira de origem polonesa, gravadora, pintora, desenhista, ilustradora teórica da arte e professora “criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer” (1984, p. 28), o que tem a ver com as relações estabelecidas com a realidade/racionalidade e também com o empírico, fazendo com que a personalidade se destaque no fazer artístico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar um percurso é uma difícil tarefa, que se embrenha nas rotas da precisão e da imprecisão. Relatar uma experiência de três anos consecutivos (2013, 2014 e 2015) é reviver processos e repensar caminhos, por isso concebo a trajetória como um “esboço”, algo que ainda está por definir-se e é essencial como parte do processo. Neste sentido, o Concurso de Cartazes do NIGS-UFSC representou um importante marco enquanto fomentador, para o “esboço” de abordagens de ensino/aprendizagem com a finalidade de desconstruir opressões ligadas a gênero e sexualidades, na escola. Através dele, foi possível pensar a estética a partir da ética com os outros/as.

As escolhas metodológicas, feitas por mim, orientaram-se no sentido do melhor direcionamento para trabalhar questões ligadas a gênero e sexualidades e também, estiveram pautadas pela linguagem e diretrizes da arte-educação. Tendo as imagens fílmicas, da mídia, entre outras, como fomentadoras de um outro olhar, do movimento de “mirar la mirada” (expressão que tomo emprestada de Skliar (2012)), a metáfora do olhar surge como condutora de outras posturas, como mecanismo complexo fomentador de alteridades para si e para os outros/as.

Os três relatos de experiência aqui inter-relacionados trazem lembranças/ações dos êxitos e alguns “imprevistos”, na trajetória, que fomentaram algumas readequações, tudo isso marcado no produto final, embora nem tudo apareça. Faz-se necessário explicitar a necessidade de conciliar o tempo da escola com o tempo do concurso, tendo como resultado reformulações, principalmente no que se referia ao tempo de exposição dos cartazes na escola, previsto no edital do concurso. Também, neste processo de recordar e estabelecer ligações, é de suma importância trazer a ideia da escola enquanto rede, formada por: professores/as, diretora, alunos/as, funcionárias da limpeza, que se articula para potencializar atuações colaborativas que tornam o processo de ensino/aprendizagem significativo, pois a superação dos “imprevistos” só foi possível com a colaboração de todos/as. Como assinala Freire (1996, p.72), “as qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e fazemos”. Neste sentido, para se construir um conhecimento que se proponha a diminuir assimetrias ligadas a normatizações de corpos e subjetividades, é preciso coerência na prática para uma educação que se proponha libertária e dialogue com todos/as os/as sujeitos envolvidos/as.

Quanto aos cartazes produzidos pelos/as alunos/as, penso neles também como “esboços” que foram e, olhando agora, seriam outros. Entretanto, era o possível e o necessário naquele contexto, no qual se materializaram. Neste sentido, a relevância do produto é o processo de reflexão que se traduz na composição estética. Segundo John Dewey, filósofo e pedagogo estadunidense da Escola Progressista (2010, p. 109), “temos uma experiência singular quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução”, o esforço de materializar algo torna a experiência significativa, ainda que tenhamos que refazer o percurso.

As premiações obtidas no ano de 2013 (primeiro lugar como professora destaque) e em 2014 e 2015 (segundo lugar no mesmo quesito) foram uma forma de me ajudar em minha autoavaliação sobre os caminhos trilhados na mediação até chegar aos cartazes, de ponderar, através dos relatos, sobre os aprendizados/experiências que tive ligados à conclusão do curso de Gênero e Diversidade na Escola. Assim, é inegável a importância da formação continuada para a reavaliação da prática, pois, como afirma Freire, “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (1996, p.43). Nesta direção, pensar uma educação para a diversidade exige conhecimento e postura ética. Nenhum/a professor ou professora pode desconstruir aquilo que ainda não está claro para si, pois, quando se aponta as reproduções de opressões vigentes no contexto escolar, tem-se como resposta urgente o redimensionamento de um dos grandes papéis da educação, que é desnaturalizar a heteronormatividade e todas as formas de discriminação que restrinjam as vivências e experiências humanas.

Sendo assim, o “Concurso de Cartazes” __enquanto fomentador de práticas__ constituiu-se como um marco de suma importância para discutir questões sobre gênero e sexualidades na escola, fortalecendo a necessidade permanente destes temas no contexto escolar, para uma construção social que respeite e reconheça as diferenças, necessitando de um currículo que caminhe nesta direção, na qual os sujeitos sejam reconhecidos e se reconheçam em suas alteridades.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 3ª edição. São Paulo. Perspectiva, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo. Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas Escolas: um problema de todos**. Brasília. Edição, 2009.
- HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre. Mediação. Edição, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **O CORPO EDUCADO. Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte. Autêntica. 2ª edição, 2000.
- MILSKOLCI, Richard e PELÚCIO Larissa (Org.) **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar**. São Paulo: Annablume, 2012.
- NASPOLINI, Marisa. **Projeto Papo Sério NIGS/UFSC: articulando reflexões sobre gênero e sexualidades nas escolas**. Tubarão: Copiart, 2016.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de criação**. Petrópolis. Vozes. 4ª edição, 1984.
- SKLIAR, Carlos. **Experiências com a palavra. Notas sobre linguagem e diferença**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- _____. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí** Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

APÊNDICES

Relato de experiência (2013)

Professor (a): Patrícia Maria Macedo Alves

Escola: E.B. M Doutor Paulo Fontes

Disciplina: Artes Visuais

Comecei o desenvolvimento dos cartazes com os alunos (as) no final de fevereiro, assim que assumi a turma, uma 8ª série do ensino fundamental. No primeiro dia de encontro, já sabia que teria que desenvolver como finalização do curso GDE cartazes contra lesbofobia, transfobia, homofobia e heterossexismo, então perguntei à turma o que achavam de trabalhar essa temática. Tendo eles (as) demonstrado vontade de saber mais sobre o assunto e de realizarem os cartazes, comecei a pensar nas etapas para o desenvolvimento destes.

Minha primeira atitude posterior a conversa com os alunos (as) foi conversar com a coordenação pedagógica, já que eu precisava mostrar meu planejamento e justificar o porquê da turma 82 passar a ter conteúdos diferenciados da turma 81. Contei a elas do curso sobre Gênero e Diversidade na Escola (UFSC), que havia começado no ano anterior e sobre sua finalização, que culminaria em minha participação e dos educandos no concurso de cartazes. Expliquei, ainda, minha escolha de aplicar o projeto na turma 82, uma vez que tenho duas oitavas. Como trabalho em duas escolas diferentes e tenho um número de turmas considerável, seria mais tranquilo, para mim, desenvolver o projeto com apenas uma turma, de modo a garantir a qualidade no processo de ensino\aprendizagem. Além disso, a turma 82 foi a primeira turma para qual dei aula na escola e mostrou-se entusiasmada com a ideia do Projeto logo de início.

Depois de conversar com as professoras da coordenação Pedagógica, aceitei uma de suas “sugestões” e apresentei o projeto e sua temática em uma reunião com todos os professores (as). Depois das ultrapassar tais etapas, principiei em pensar, de fato, como esquematizar a produção dos cartazes para reflexão crítica dos alunos sobre o tema.

Desde a primeira aula, em que falei sobre o concurso de cartazes e as reflexões que deveriam comunicar, deixei bem claro que, mais importante do que ganhar o concurso, era poder pensar de forma crítica e sincera sobre formas de preconceito\discriminações ligadas à homofobia, lesbofobia, transfobia, heterossexismo. Nossa primeira discussão foi sobre o

conceito de gênero, surgindo então à questão do “machismo”, então questioneei se eles e elas se consideravam machistas. A maioria, depois de algum tempo de discussão, refletiu que sim, consideravam-se. Para próxima aula, pedi-lhes que trouxessem suas pesquisas sobre o conceito de homo, lesbo, transfobia e heterossexismo para discussão. Tendo estas pesquisas sido feitas pela maioria, discutimos o que eles haviam entendido sobre o que pesquisaram. Mostraram-se curiosos principalmente com a questão Trans, então comecei a pensar na possibilidade de encaixar no meu planejamento “palestrantes”, que ressaltassem questões trazidas por mim e esclarecessem algumas dúvidas também minhas. Porém, antes de chamar qualquer visitante, tive que comunicar mais uma vez à coordenação pedagógica minhas intenções, sendo-me solicitado o planejamento completo que incluía os dias em que as palestrantes viriam e seus nomes. Como tenho uma ligação com a Adeh, pedi a Mireli (psicóloga e psicanalista da Adeh, voluntária) e a Kelly Vieira (atual presidenta da Adeh) para participarem de minhas aulas, enquanto palestrantes.

A primeira a ir à escola foi Mireli. Expliquei-lhe, anteriormente, que focasse na questão das “sexualidades” e principalmente a questão trans, pensando na “diversidade de corpos”. Pedi também que a discussão se desse a partir de imagens. Tendo ela aceito minha proposta, marcamos o dia. A participação dos educandos (as) foi ótima, fizeram muitas perguntas esclareceram algumas dúvidas, mas como eram somente 45 min, o tempo passou depressa e, por sugestão deles, ficou acordada a presença da Mireli numa outra aula. No dia marcado, mais uma vez contamos com a presença dela que partiu do último encontro para focar na questão da orientação sexual. Os alunos, como na vez anterior, manifestaram muito interesse, fazendo perguntas e pedindo silêncio quando algum colega fazia barulho e atrapalhava o entendimento das respostas da palestrante. Um aluno, após a saída de Mireli e o toque do sinal para irem embora, disse-me que respeitava, mas não gostava de conviver com homossexuais. Respondi que respeitar significava reconhecer o direito à diferença e que, além do que aparentarmos, somos todos humanos e aprendemos uns com os outros, ou seja, fica complicado afirmarmos que não temos preconceito, e, no entanto, querer o outro (que representa a diferença) longe de nós. Depois deste meu comentário ele foi embora.

Após duas semanas, a Kelly compareceu à escola. Conforme havíamos combinado, ela falaria dos Direitos Trans e principalmente da questão do nome Civil. Durante uma conversa anterior à sua vinda, sobre como seria sua participação na minha aula, ela se mostrou apreensiva com relação ao comportamento dos alunos (as), se iriam fazer piadas ou coisas similares. Porém, eu disse a ela para ficar tranquila, pois já havia comunicado aos alunos sobre sua visita, assim como havia comunicado a da Mireli, e que eles deveriam ter igual

respeito e consideração por ambas. Pelo que pude perceber após a visita, a presença da Kelly suscitou curiosidade principalmente pelo fato de eles quererem saber se ela “havia feito operação” ou não, mas não a desrespeitaram como ela temera. A participação deles e delas foi muito boa: escutaram e quase não fizeram perguntas por que o tempo se esgotou. Uma das coisas mais importantes ditas por Kelly foi sobre o fato de eles e elas deverem tratar as pessoas pelo gênero que elas aparentam e querem ser reconhecidas, evitando assim constrangimentos desnecessários, que geram discriminações.

Após a maior parte dos alunos terem avaliado a presença das palestrantes como sendo bastante significativa, deu-se início à confecção dos cartazes, que poderiam ser feitos utilizando técnicas variadas, dentre elas: desenho, colagem, entre outras. Fiz uma seleção de imagens virtuais de cartazes e frases ligados a nossa temática para que pudessem visualizar, mas alertei que era para se “inspirarem” e não fazerem meras cópias. Depois de duas aulas analisando cartazes, propus que montassem os grupos de no máximo cinco pessoas e que escolhessem um líder para o respectivo grupo (para representação), ninguém poderia ficar de fora. Escolhidos os grupos e seus líderes, pedi que fizessem um “projeto” com esboços de frases em uma folha A4, levando em consideração como seria estruturado o cartaz. Durante a construção dos cartazes propriamente dita, pedi que ficassem atentos ao uso das cores (complementares, quentes...), se quisessem podiam usar as cores da bandeira LGBT. Devo ressaltar o empenho dos educandos durante o processo de execução dos cartazes, pois eu precisava avaliar se suas idéias estavam sendo claramente comunicadas através das frases, desenhos, colagens, como um todo. Em meio a essas questões, alguns grupos tiveram que repensar suas frases e imagens escolhidas para os cartazes, o que fizeram com dedicação, reiterando o processo de ensino aprendizagem para além do certo ou errado, assim como uma construção que se aprimora pelo que Paulo Freire chama de ‘Curiosidade Epistemológica’.

O método de escolha dos cartazes foi sugerido pelos alunos (as). Eles preferiram que eu e a professora Mabel, seguindo os critérios que esclareci para eles (adequação ao tema em coerência com a proposição estética), escolhêssemos os “melhores cartazes”, sob a justificativa de que cada grupo iria querer votar no seu próprio trabalho, tornando difícil a escolha. Como cada Professora só poderia escolher dois cartazes para participar do concurso, então convidei a referida colega para inscrever mais dois cartazes, além de escolher os quatro mais representativos. A exposição dos cartazes para comunidade escolar foi feita entre os dias 20 e 24 de maio, os alunos fizeram fotografias de seus cartazes e eu propus que postássemos no blog da escola juntamente com uma pequena explicação sobre nossa atividade, que pendurou durante o 1º Bimestre, culminando na avaliação dos alunos (as) como um todo.

Para concluir, repensando no caminho que trilhamos ao concluirmos a produção dos cartazes, reflito sobre o processo que chamo de “olhar o olhar”, para poder olhar novamente, considerando minha prática exitosa dentro do que pode ser medido. Já que o educar para cidadania é um esforço de todo dia e não se dá de imediato, tendo cada educando seu tempo de assimilação e forma diferenciada de processar o conhecimento, além de contextos distintos. Porém, não é ariscado afirmar que o olhar já não é o mesmo.

Alunos/as Realizando os Cartazes



(acervo pessoal)



(acervo pessoal)

Exposição dos cartazes na escola



(acervo pessoal)

Relato de Experiência (2014)

Professor (a): Patrícia Maria Macedo Alves

Escola: E.E. Pero Vaz de Caminha

Disciplina: Artes Visuais

Para começo de conversa

Comecei o processo para participação do concurso de cartazes 2014 contra lesbofobia, transfobia, homofobia e heterossexismo, no final de março com uma turma do 8^a ano, com a qual tenho duas aulas por semana de 45 minutos cada. Escolhi esta turma, por ter demonstrado vontade de participar do concurso, quando apresentei a proposta e relatei minha participação do ano anterior, com os alunos\alunas de uma escola do município de Florianópolis-SC.

Caminhos Trilhados

Após receber a aceitação dos alunos, comuniquei a direção da escola, que apoiou minha decisão de participar do concurso de cartazes. Minha primeira iniciativa, para elaboração dos cartazes, foi apresentar em Power Point as imagens do concurso do ano anterior com os cartazes vencedores e os desenvolvidos pelos alunos e alunas da escola E.B.M. Dr. Paulo Fontes. Após este primeiro momento, pedi a eles que pesquisassem sobre os significados dos termos: lesbofobia, transfobia, homofobia e heterossexismo, para a aula posterior. Após discutimos as consequências sociais destas práticas discriminatórias, uma das alunas relatou uma vivência sua, na qual, durante uma festa um casal de homens fora agredido ao beijarem-se. Segundo ela, algumas pessoas discordando da atuação do agressor, o imobilizaram e o levaram até os seguranças. ‘

Incluí no meu planejamento o documentário “Leve-me Pra sair”, no intuito de discutir questões trazidas por este como o termo “opção sexual”, a partir da visão de quem é discriminado por sua orientação sexual. Aproveitando explorei a reflexão sobre o perfil dos jovens que participam deste documentário, em relação à classe social e étnica. O segundo vídeo assistido teve relação com a transexualidade, que é uma temática que desperta bastante curiosidade e controvérsia em alguns alunos e alunas. Neste vídeo uma professora transexual,

discorre sobre suas relações e experiências no contexto escolar. Durante a discussão que se deu após a visualização do vídeo, uma aluna relatou ter uma prima transexual, a qual teve que enfrentar e ainda enfrenta a hostilização de alguns familiares e estranhos. Perguntei o que achavam desta situação e a maioria disse não concordar com a opressão sofrida, por quem tem uma orientação sexual que foge da norma.

Este ano achei muito positiva a cartilha violências NIGS UFSC, enviada para os professores e professoras, e a utilizei via projeção para comentar conceitos como: identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico, entre outros. Repetindo a postura do ano anterior, convidei Kelly Vieira, da diretoria da ADEH (Associação em defesa dos Direitos humanos com enfoque nas sexualidades) para palestrar, no intuito de enriquecer nosso processo de ensino\aprendizagem. Conversei com a diretora sobre esta possibilidade, a partir de seu aval comuniquei aos adolescentes e conversamos sobre a postura de respeito que deveriam ter com a convidada. Combinei com a Kelly, alguns dias antes, sobre as imagens a partir das quais seria interessante mediar o diálogo com os estudantes. Estas imagens teriam relação com identidade de gênero, explorando questões relacionadas a diferentes possibilidades e formas de vivenciar masculinidades e feminilidades. Durante a explanação da Kelly, os alunos mostraram-se muito atentos e interessados, tanto na sua fala, quanto nas imagens apresentadas: um homem grávido, uma boneca negra com pênis e o ator Buck Angel. Numa etapa anterior a começar sobre a construção dos cartazes, visualizei com eles alguns cartazes de protesto a favor da causa LGBTTTI, incentivando-os a prestar atenção nos recursos estéticos (cores, fontes) e nas mensagens escritas, que os ajudariam na construção das suas propostas.

Processo de seleção dos cartazes

O processo de seleção dos cartazes iniciou com a sensibilização dos alunos sobre a importância do envolvimento da comunidade escolar, no processo de escolha, dos cartazes desenvolvidos contra as Trans-Lesbo-Homofobias e Heterossexismo.

Essa demanda objetivou torná-los agentes da nossa empreitada contra a discriminação, com o intuito de ir além da construção de cartazes, ligando-se ao cotidiano e dialogando com condições de equidade para todos e todas, seja qual for sua orientação sexual, nos variados espaços de sociabilidade.

Sendo assim, participaram da votação dos três cartazes que estarão no concurso, os estudantes do 7º e 8º ano, 3 funcionárias da limpeza, a diretora da escola e os professores e professoras das séries finais do ensino fundamental.

Dificuldades e acertos no processo de ensino aprendizagem

Dentro do planejado, houve alguns desencontros relacionados ao “tempo da escola”, conselhos de classe, o fato de eu ser professora de 16 turmas entre séries iniciais e finais do ensino fundamental, pois havia outros projetos em desenvolvimento e questões eventuais como greve de ônibus. Esses fatos levaram-me a expor os cartazes do dia 31 de maio ao dia 5 de junho. Porém, como nos traz Carlos Skliar (2012, p 148) “Eu já o sabia: nenhuma esquina jamais é suficiente como para impedir o inevitável desencontro.” Portanto, apesar dos contratempos, sinto-me satisfeita por ter chegado a esta etapa, da qual vislumbro todo o caminho percorrido por mim, pelos alunos e alunas, com os quais estabeleci uma relação de parceria, em que tivemos que repensar, várias vezes, o percurso. Também contei com a colaboração de meus colegas, que gentilmente cederam-me algumas de suas aulas, em destaque: a professora de português que revisou a escrita dos estudantes e a professora de inglês que me auxiliou na revisão deste texto, culminando em um somatório de esforços.

Assim, juntamente com outras instâncias da sociedade, devemos nos construir e desconstruir, com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa.

Conclusão

“Olhar o olhar

E perder para sempre a ilusão de ser o que éramos.

E ser aqueles outros que ainda nunca fomos.”

Carlos Skliar (2012, p. 85)

Tenho consciência de que nossos esforços para desconstruir paradigmas discriminatórios não terminam por aqui. Desconstruir uma forma de olhar passa por várias instâncias, por outras redes, pelo tempo. Porém, entendo que este é nosso papel, como professores e professoras continuar “batendo na mesma tecla” de questões que não dialogam com a equidade social, na direção “do pensar certo”, conforme é conceituado por Freire (1996), tendo haver com a ação de ensino\aprendizagem que se coloca contra todas as formas de opressão social, sendo o concurso de cartazes contra a Trans-Lesbo-Homofobias e Heterossexismo __ um dispositivo para nossa luta diária.

CONCURSO DE CARTAZES SOBRE TRANS-LESBO-HOMOFOBIA E HETEROSSEXISMO NAS ESCOLAS

Professora: Patrícia Maria Macedo Alves

Relato de Experiência (2015)

Particparei do concurso de cartazes deste ano com duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental (T 91 e 92), sendo que nestas duas turmas tenho alunas (os) da turma do 8º ano, com a qual participei do concurso contra: lesbofobia, transfobia, homofobia e heterossexismo, em 2014. Ministro duas aulas por semana, de 45 minutos, em cada turma. Neste sentido comecei o processo de preparação para confecção dos cartazes em julho, lembrando com eles nossa participação no ano anterior e as vivências resultantes.

Principiei meu planejamento para elaboração dos cartazes trabalhando o conceito de gênero, propus uma reflexão sobre o papel de homens e mulheres na sociedade. Foi distribuído para cada aluna (o) o Almanaque D'Elas e, quando conversamos brevemente sobre a história do feminismo e lemos juntos (as), debatendo depois, a página que traz o teste “você é feminista?”, a maioria se descobriu feminista. Levei vídeo sobre a violência contra mulher e, para finalizar o diálogo sobre assimetria de gênero, apresentei o Art. 7º da Lei Maria da Penha (que especifica os tipos de violências), para lermos e analisarmos. Os/as alunos (as) tiveram que dar exemplos práticos de cada forma de violência, através de desenho ou escrita. Para discutirmos o conceito de orientação sexual, debatemos o vídeo “Me leva para sair” e, alguns alunos (as) acharam o documentário contraditório, com relação à orientação sexual ser uma escolha ou uma opção. Porém, coloquei que o mais importante é entender a diversidade sexual como algo natural, e o heterossexismo como algo opressor. Apresentei ainda para analisarmos reportagens que evidenciavam casos de transfobia, lesbofobia e homofobia, cada educando teve que apresentar a matéria e se posicionar. Por último, apresentei imagens estáticas, projetadas para a leitura do ensaio fotográfica feito pela fotógrafa e atriz Sabrina Marthendal, com relação a frases homofóbicas.

No dia 18 de agosto, dentro da programação do mês da diversidade, a escola recebeu o “Cine D Itinerante”, em dois turnos, para contemplar as duas turmas. Os integrantes da ADEH promoveram, a meu pedido, um debate sobre sexualidades com os estudantes, a partir da visualização do curta metragem "Vestido novo", direção Sergio Pérez. Estiveram presentes a presidenta da Adeh Lirous Fonseca e o colaborador da Adeh Matheus Martins. Posteriormente a visualização do filme, os alunos (as) foram questionados sobre suas impressões do curta, a

maioria gostou e alguns ficaram emocionados. Lirous Fonseca comentou questões sobre o machismo e a opressão que sofrem as pessoas que nascem enquadradas num conceito estreito de masculinidade e, identificam-se com o universo considerado feminino. Ele falou ainda de nome social e violência transfóbica, que resulta na evasão escolar das pessoas Trans.

Os alunos e alunas foram orientados a construir frases para os cartazes de forma coerente, além de prestar atenção nos pontos estéticos com relação a: cores, disposição das figuras, colagem, dentre outras questões. Foram visualizados cartazes do concurso ano anterior e cartazes de protesto, para avaliar possibilidades. Os cartazes selecionados foram escolhidos mediante votação, dos representantes de cada turma do 6º ao 9º ano (ensino fundamental), professores, direção e funcionárias da limpeza. A exposição dos cartazes na escola começou no dia 18 de setembro, e foi encerrada no dia 25 de setembro.

Pensar nos resultados deste processo de ensino aprendizagem é lidar com o incomensurável, pois desconstruir paradigmas preconceituosos e discriminatórios, passa pelo tempo, pela persistência de se levantar questões como a diversidade sexual, e possibilidades de se vivenciar masculinidades e feminilidades. Alguns alunos (as) postaram em suas redes sociais imagens de seus cartazes, o que me faz pensar, em empatia e identificação com o tema, eu também sou o outro. Tive o apoio de colegas que deixaram os alunos (as) confeccionarem os cartazes durante suas aulas e da direção. O que leva a refletir sobre o valor de criarem-se redes no ambiente escolar.

Também neste processo, lidamos com divergências, visto que um grupo pequeno de alunos e alunas, durante as discussões sobre orientação sexual e família, demonstra acreditar no modelo de família heterossexual como norma, atrelando-se a crenças religiosas conservadoras. Nestes, com o auxílio dos colegas, tentei despertar ao menos a dúvida. Como nos traz Skliar (2012) “Toda palavra começa a se fazer presente no mesmo momento em que o ser acaba por desencontrar-se.”

Eis nosso compromisso, contribuir para mudanças que legitimem as diversidades sejam sexuais, étnico\raciais, dentre outras. Através de construções e desconstruções, visando equidade social.

“Cine D itinerante”



Exposição dos cartazes

